

I

À minha direita estavam filas de estacas para pesca, semelhantes a um misterioso sistema de vedações de bambu meio submersas, incompreensíveis na divisão que operavam nos domínios dos peixes tropicais e de aspecto louco, como se tivessem sido abandonadas para sempre por uma qualquer tribo nómada de pescadores que entretanto tivesse partido para o outro lado do oceano; pois não havia qualquer sinal de habitações humanas até onde a vista alcançava. À esquerda, um grupo de ilhotas desoladas, evocando ruínas de paredes de pedra, torres e fortins, firmava-se num mar azul de aparência sólida, de tão quieto e estável que jazia sob os meus pés; mesmo o feixe lu-

minoso do sol que descia para ocidente brilhava suavemente, sem aquela animada cintilação que denuncia uma ondulação imperceptível. E quando virei a cabeça para lançar um olhar de despedida ao rebocador que acabava de deixar-nos ancorados fora da barra, vi a linha direita da costa plana unida ao mar imóvel, limite com limite, com uma proximidade perfeita e sem irregularidades, numa única camada meio castanha, meio azul, sob a imensa cúpula do céu. Equivalentes, na sua insignificância, às ilhotas no meio do mar, dois pequenos matagais, um de cada lado da única falha naquela impecável junção, assinalavam a foz do rio Meinam, que acabávamos de deixar na fase preparatória da nossa viagem de regresso a casa; e lá ao longe, para o interior, numa massa maior e mais majestosa, ficava o bosque em redor do grande pagode de Paknam, a única coisa em que o olhar podia repousar da tarefa vã de explorar a largura monótona do horizonte. Aqui e ali, alguns pontos cintilantes dispersos como moedas de prata marcavam as contorções do grande rio; e na mais próxima, mesmo junto à barra, o rebocador foi fumegando terra dentro até se perder da minha vista, casco, chaminé e mastros, como se a terra impassível o tivesse engolido sem esforço, sem um tremor. O meu olhar seguiu a nuvem de fumo branco, num momento aqui, depois ali, acima da planície, seguindo as curvas tortuosas do rio, mas cada vez mais ténue e distante, até que por fim a perdi atrás da colina em forma de mitra do grande pagode. E depois fiquei sozinho com o meu navio, ancorado à entrada do Golfo do Sião.

Flutuava no ponto de partida para uma longa viagem, muito quieto numa imensa quietude, as sombras dos mastros atiradas para leste pelo sol que se punha. Naquele momento eu estava sozinho na cobertura. Não se ouvia um único som... e em redor de nós nada se movia, nada vivia, nem uma canoa na água, nem um pássaro no ar, nem uma nuvem no céu. Nesta pausa sem vento, no limiar de uma longa tirada por mar, parecíamos estar a avaliar a nossa aptidão para uma empresa longa e árdua, a tarefa das nossas duas existências por cumprir, longe de todos os olhares humanos, com apenas o céu e o mar como espectadores e juízes.

Devia haver no ar algum brilho que interferiria com a nossa visão, porque só quando o sol estava quase a pôr-se é que os meus olhos vagueantes discerniram, acima da maior elevação da principal ilha do grupo, algo que acabou com a solenidade daquela perfeita solidão. A maré das trevas fluíu rapidamente; e com uma brusquidão tropical um enxame de estrelas surgiu acima da terra sombria, enquanto eu me demorava, com a mão pousada ao de leve na amurada do meu navio como se fosse o ombro de um bom amigo. Mas o conforto dessa comunhão silenciosa, com aquela multidão de corpos celestes a espreitarem-nos, desapareceu de vez. E nessa altura surgiram também sons perturbadores — vozes, passos a avançarem; o despenseiro volteava pela cobertura principal, um espírito que oficiava com afã; uma sineta tiniu com urgência sob a cobertura da popa...

Encontrei os meus dois oficiais à minha espera junto à mesa de jantar, na sala. Sentámo-nos ime-

diatamente e eu disse, enquanto ajudava o primeiro imediato:

— Aperceberam-se dum navio ancorado no interior das ilhas? Vi-lhe o topo dos mastros acima da colina quando o sol se pôs.

Ergueu abruptamente o seu rosto simples, sobrearregado por umas barbas terríveis, e emitiu as suas exclamações habituais:

— Pela minha alma, senhor! Não me diga!

O meu segundo imediato era um jovem silencioso de queixo redondo, que me parecia mais circunspecto do que a sua idade deixaria supor; mas quando os nossos olhares se encontraram detectei um ligeiro estremecimento nos seus lábios. Baixei imediatamente os olhos. Não me competia encorajar a chacota a bordo do meu navio. Devo dizer, além disso, que sabia muito pouco acerca dos meus oficiais. No seguimento de certos acontecimentos, pouco relevantes para qualquer outra pessoa que não eu, tinha sido nomeado para o comando há apenas quinze dias. E sabia igualmente pouco sobre os marinheiros ao meu serviço. Todas estas pessoas estavam juntas há dezoito meses, ou perto disso, e eu encontrava-me na posição do único estranho a bordo. Refiro este facto por ter alguma importância para aquilo que se vai seguir. Mas o sentimento mais forte era o de ser um estranho para o navio; e, para dizer toda a verdade, era um pouco estranho em relação a mim mesmo. Sendo o homem mais novo a bordo (com excepção do segundo imediato) e nunca tendo sido posto à prova numa posição da maior responsabilidade, estava disposto a acreditar na compe-

tência dos outros. Bastar-lhes-ia cumprirem as suas tarefas; mas perguntava a mim mesmo até que ponto eu seria fiel àquela concepção ideal que todos os homens, secretamente, fazem da sua própria personalidade.

Entretanto o primeiro imediato, com uma colaboração quase visível por parte dos seus olhos muito abertos e das temíveis barbas, tentava desenvolver uma teoria acerca do navio ancorado. O seu traço mais característico era reflectir com profunda seriedade sobre todas as coisas. Tinha um espírito meticoloso. Tal como ele costumava dizer, «gostava de explicar para si mesmo» praticamente tudo aquilo que se atravessava no seu caminho, até um mísero escorpião que tinha encontrado no seu camarote uma semana antes. As razões e a proveniência desse escorpião — como tinha subido a bordo e escolhido o seu quarto em vez da despensa (que era um lugar escuro e mais sedutor para um escorpião) e de que modo conseguira afogar-se no tinteiro da sua escrivaninha — tinham-no intrigado infinitamente. O navio no interior do grupo de ilhas era muito mais fácil de explicar; e no exacto momento em que nos íamos erguer da mesa ele fez a sua declaração. Tratava-se, sem dúvida, dum navio recentemente chegado. Provavelmente tinha bombeado demasiada água para passar a barra, excepto quando as marés da Primavera estivessem no seu auge. Por isso entrou naquele porto natural, preferindo esperar aí alguns dias do que manter-se num ancoradouro aberto.